

humanitas



Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

trados! Sendo assim, G. Ballaira apresenta esta sua obra como um complemento e correcção da de Marina Passalacqua, *I codici di Prisciano*, Roma, 1978 (Sussidi Eruditi, 29).

G. Ballaira divide-a em 4 partes. Na primeira, descreve os 84 novos códices gramaticais de Prisciano, possíveis de detectar porque muitos dos manuscritos foram por ele pessoalmente examinados. Nós que conhecemos o rigor com que estão elaborados muitos dos catálogos das grandes bibliotecas europeias, não podemos deixar de saudar 3 novos códices em Bruxelas, 3 em Londres, 9 fragmentos em Munique, 3 em Nova Iorque, 2 em Paris, 5 no Vaticano e 3 em Würzburg, por exemplo. A segunda parte é consagrada aos novos códices da *Perihégesis*, tendo sido encontrados, entre outros, mais 5 em Leiden, 5 em Londres, 4 em Oxford, 3 em Paris e 7 no Vaticano. Do mesmo modo são apontados os novos manuscritos do tratado *De Laude Anastasii imperatoris*. A terceira parte consiste na integração e em rectificações, num total de 314 manuscritos. Finalmente, numa *Addenda*, são apresentados mais 5 novos códices.

Torna-se evidente que para um estudioso tão atento de todos os textos de Prisciano os manuscritos aqui apresentados são objecto de um exame paleográfico minucioso. E se nos demorámos a indicar a descoberta de tão numerosos manuscritos novos foi apenas para realçar que tal conquista só pode ser feita por quem conhece quase de cor o texto do seu Autor. Porque esta ciência falta, no geral, aos catalogadores oficiais, eles se vão limitando a seguir as indicações das «rubricas», com as funestas consequências que alguns de nós conhecemos: — há obras mal intituladas, mal divididas, com falsas atribuições de autores, etc., etc.

É por tudo isto que o aparentemente monótono trabalho de Ballaira tem muito maior merecimento. Graças ao seu labor inúmeras bibliotecas poderão aperfeiçoar os seus catálogos e os editores do texto crítico de Prisciano poderão dispor de novos testemunhos, cuja validade lhes compete estudar.

Um conjunto de 9 índices (além do Geral) enriquece esta obra, que provocou em nós uma grande admiração pelo trabalho realizado, pela persistência e por aceitar vir dar complementos a outros quando, há 20 anos atrás, sonhara Gugliermo Ballaira em apresentar ele, por inteiro e pela primeira vez, toda a obra do grande mestre da Idade Média, o famoso gramático Prisciano.

J. G. F.

CASIMIRO TORRES RODRIGUEZ, **La Galicia Romana**, Fundación «Pedro Barrié de la Maza», La Coruña, 1982, 334 p., 28 ilustrações.

Em 1968 foi registada em La Coruña (Galiza) a «Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa», actualmente dirigida pela Sr.^a Condessa, que se propõe utilizar o seu património na promoção da cultura e em obras de beneficência. O «Servicio de Publicaciones» dedica-se especialmente à Galiza, encarada sob diversos aspectos: — a história, a arqueologia, a arte, o direito, a medicina, a música, etc. Na série «Galicia histórica» publicou já, em 1977, o Prof. Dr. Casimiro Torres Rodrí-

guez, catedrático da Universidade de Santiago de Compostela, o primeiro volume da «obra de toda uma vida» (como diz na introdução o Prof. J. Filgueiras Valverde): — *Galicia Sueva*, agora continuada com a *Galicia Romana* e a concluir-se (Deo uolente!) com um estudo aprofundado sobre Paulo Orósio.

A primeira impressão que se colhe ao ler atentamente esta *Galicia Romana* é a de que o Autor foi carreando, pacientemente, todos os materiais, literários, arqueológicos, documentais, litúrgicos, para reconstituir, com a minúcia e rigor possíveis, cada um dos aspectos da vida da Galécia Romana. Por vezes parece-nos até que o estudo marcha muito lentamente, explorando ao máximo o conteúdo das fontes, repetindo-se mesmo, quando é necessário, para que não se perca a visão de conjunto. Trabalho modelar, pois, e de autêntica probidade científica.

O contacto da Galécia com Roma, principia, verdadeiramente, quando Décimo Júnio Bruto, nomeado para a Lusitânia, em 138, resolve atacar os focos de resistência no Norte, atravessar o Douro e continuar a sua marcha. A passagem do Lima envolvia dificuldades providas da superstição que dominava os seus soldados: — o receio de que, qual novo Letes, ele lhes fizesse esquecer as famílias e a pátria, e depois lhes causasse a morte. D. J. Bruto arrancou a bandeira que marchava na primeira linha, atravessou o rio e chamou os soldados, um a um, pelo seu nome! O rio Minho foi atravessado, ao que conjectura Torres Rodríguez, junto a Tui. Depois da descrição rigorosa do valor histórico do Monte de Santa Tecla, vemos as tropas romanas desistirem da marcha, regressando talvez para auxiliar Lépido. Não deixemos de registar a emoção com que se descreve a batalha do Douro, a 9 de Junho de 137.

Mas Décimo Júnio Bruto voltou. A 1 de Abril de 136 os romanos abandonaram Palência, aterrados perante um eclipse do sol. Foram de encontro aos brácaros e aos vacueus que se haviam sublevado. Aqui, a propósito dos guerreiros lusitanos, Torres Rodríguez faz o estudo de todas as primitivas estátuas que deles nos restam, 7 das quais estão em Lisboa e as restantes três se encontram em Cabeceiras de Basto, Viana do Castelo e Orense. Décimo Júnio Bruto ergueu um templo a Marte e recebeu o cognome de Galaico.

Nem a Galécia nem a Lusitânia, porém, ficaram pacificadas. As sublevações eram intermitentes. A propósito do procônsul da Ulterior, Públio Crasso e da sua ambição de riquezas, estuda-se em pormenor a história fantástica das ilhas Cassitérides. Vêm depois as guerras de Sertório, de 82 a 72, até à traição de Perpena e a sua subida até Cale e ao Lima.

César esteve pela primeira vez em Espanha em 68; regressou em 62 e 61; vence nos Montes Hermínios e o resto dos lusitanos refugia-se numa ilha. Qual? — Não as Berlengas, mas talvez uma das Cíes, junto a Baiona, à entrada da ria de Vigo. César sobe até à Corunha, não por terra, mas por mar, segundo a interpretação de Díon Cássio. Antes do Outono de 60, César regressa a Roma.

A presença de Augusto na Hispânia é estudada à luz de Díon Cássio, de Floro, Orósio, Estrabão, Ptolomeu e outros. Depois de obter o título divinizador de Augusto, também Octaviano vem pessoalmente dirigir, em 26 a.C. as operações na Hispânia. O seu projecto era atacar a Galécia simultaneamente pelo sul, a partir de Braga, e pelo Leste, a caminho de Lugo. Adoece e vai para Tarragona. As operações são levadas a bom termo por Caio Fúrnio, contando-se entre os actos de resistência galega a tragédia de Monte Medúlio, que Torres Rodríguez situa em

Las Médulas, junto ao Sil, em Ponferrada e não frente ao Minho de Tui. A conquista de Monte Vindio (Peña Ubiña) até aos Picos de Europa foi no fim de 26 ou princípios de 25. Como prémio para os militares triunfantes, Augusto mandou a Carisio que fundasse *Emerita Augusta* e lhes distribuisse as terras do Guadiana.

Feita a conquista definitiva da Galécia, importa estudar o seu processo de romanização. Temos aqui a mais pormenorizada notícia sobre a definição progressiva da província da *Gallaecia*, com os seus marcos desde o séc. II, a divisão de 27 a.C., o seu prolongamento entre 15 e 1 a.C., a divisão de Caracala em 214 d.C., até à sua consagração definitiva com Diocleciano, cerca de 287. A província compreendia a Galiza, Astúrias e Leão, incluindo Palência, Valhadolide, Burgos, Sória, parte de Segóvia até à cordilheira Ibérica e Somossierra. O seu limite era o rio Eresma e o Douro. Constituíam-na os *conuentus* Lucensé, Bracarense, Asturicense e Clunia-cense. As populações descem dos castros, passam a dedicar-se à agricultura, recebem o direito latino (em 74, com Vespasiano) e depois o de cidadão romano (com Caracala, em 202). Entre os factores de romanização é colocada a expansão da língua latina, a qual (tomando o argumento de Lot) só penetrou nos mais recônditos povoados quando o cristianismo se difundiu por toda a Hispânia. Neste contexto é estudada a religião romana e a sua capacidade de admitir o sincretismo com os cultos tradicionais, indígenas e célticos. O culto do imperador foi também factor de unificação, até que o cristianismo o esbateu e venceu.

Capítulos especiais são dedicados também à organização rural e urbana, às vias de comunicação, ao fisco e à organização de muralhas de defesa desde as ameaças dos bárbaros, no século III. O último estudo é mesmo consagrado ao significado da construção das muralhas de Lugo, em que foram aplicados materiais do culto pagão, incluindo estátuas, aras e lápides funerárias. Não se tratando de obra feita à pressa, perante invasão iminente, entende C. Torres Rodríguez que este «desrespeito» pela religião tradicional romana é sinal de que já então o cristianismo estava pacificamente implantado em toda a Galécia.

Digno de nota é o capítulo em que se apresentam as principais figuras que da Galécia Romana vieram a ter projecção em todo o império. Especial relevo é dado ao conde Honório Teodósio e a seu filho o imperador Teodósio Magno, à imperatriz Flacila, à monja Egéria, ao escritor Paulo Orósio e à controversa figura de Prisciliano.

Deixámos para o fim a referência ao longo e consciencioso estudo sobre as origens do cristianismo na Hispânia e na Galécia (desde os tempos apostólicos) e sobretudo à chamada «Questão-Jacobeia». Não que haja argumentos decisivos que provem que S. Tiago veio evangelizar a Galécia. Porém, não deixam de impressionar os relatos das investigações arqueológicas levadas a cabo dentro da catedral de Santiago de Compostela desde 1878, renovadas e aprofundadas de 1946 a 1959. Os dados literários não remontam além de cerca de 600; mas o estudo das sepulturas encontradas da época páleo-cristã deixa supor, pela sua disposição, que todas se ordenam para um culto funerário. Ora, onde a tradição dizia que estava o túmulo de S. Tiago foram encontradas ossadas de três anciãos que bem poderão ser as de S. Tiago e dos seus discípulos Teodoro e Atanásio. Reconhecendo o ceticismo actual sobre esta questão; C. Torres Rodríguez procura responder às antigas e às novas objecções.

Chegados aqui, apetecia-nos continuar com a *Galicia Sueva*. Só que... é outro livro e, mal saído em 1977, esgotou-se rapidamente.

A admiração que sentimos pelo trabalho de Torres Rodríguez não impede que deixemos algumas observações críticas. Nós gostámos de apreciar a sua interpretação de textos gregos. Parece-nos que eles foram copiados à mão! O pior é que em muitas palavras faltam os acentos e os espíritos (p. 56, 110, 205). Cremos que ao falar-se da Reconquista se deve mencionar o «direito de *presúria*» — um substantivo derivado do verbo *preso*, por sua vez desiderativo de *prendo* (ou *praehendo*) —, pelo que nos parece imprópria a forma «pressura» (cf. p. 142). Ao falar-se da casa urbana, diz-se que ela veio a servir de modelo aos mosteiros beneditinos e depois aos conventos medievais (p. 143). Convirá ter presente que o grande número de mosteiros hispânicos dos séculos v, vi, vii e seguintes tinha regras peninsulares (de que a de S. Frutuoso é um exemplo) e que a Regra de S. Bento só se difundiu entre nós na segunda metade do séc. xi. A propósito, nos parece que o nome de S. Frutuoso está errado na p. 218. Quem mais se distinguiu na luta contra os restos do paganismo, cujas práticas descreve no *De Correctione rusticorum*, foi S. Martinho de Braga. Também não é exacto que Prudêncio «só canta os mártires de Saragoça» (p. 226). Basta ver o índice do *Peristephanon*. Lá têm hinos próprios S. Pedro e S. Paulo (israelitas), S. Cipriano (africano), Santa Inês (jovem romana), S. Lourenço (diácono da igreja de Roma), Santa Eulália (emeritense), etc. Como a região Entre-Douro e Minho pertencia à Galécia, há muitas terras portuguesas aqui citadas. Supomos serem erros de cópia topónimos como «Freix» (em vez de *Freixo*, Marco de Canavezes) e «Avel's» (talvez *Avelos*), sem identificação suficiente (cf. p. 155 e 306).

A *Galicia Romana* de Casimiro Torres Rodríguez é um livro denso e útil. Mais ajudaria ainda a sua leitura se tivesse um índice das suas 29 gravuras e uma bibliografia geral das muitas centenas de obras citadas profusamente em rodapé. Oxalá houvesse em Espanha e em Portugal muitas Fundações como a da Corunha, «Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa»!

J. G. F.

ROBERT DURAND, *Les campagnes portugaises entre Douro et Tage aux XII^e et XIII^e siècles*, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1982, p. 667.

Nunca nos tinha acontecido, depois de ter feito a recensão de um livro (cf. *Revista Portuguesa de Filologia* XVIII (1979-1984) 650-651) sentir-nos impulsionado a lê-lo mais detidamente para o examinar sob um outro ângulo, neste caso o da Filologia Latina. Sucedeu agora com a tese de doutoramento de R. Durand, o qual de há muito se vem dedicando à Idade Média Portuguesa, na fase em que a documentação é quase toda ela em latim.